



A VARIAÇÃO *TU/VOCÊ* NO USO DO PORTUGUÊS POR HISPANO-FALANTES

Leandra Cristina de OLIVEIRA (UFSC/CCE/PPGLg)
Leandro BABILÔNIA (UFSC/FAPEAM)

Introdução

Diferentes pesquisas, sob concepções e abordagens teóricas variadas, têm se dedicado à análise das formas de se dirigir ao interlocutor nas línguas naturais. No caso do português, por exemplo, a escolha pelos tratamentos *tu* e *você* não se restringe a simples variação regional, já que estudos sugerem a atuação de fatores estilísticos na escolha por uma forma ou outra (MENON, 2000; 2002; OLIVEIRA, 2009). Sobre esse fenômeno, encontramos certa semelhança no caso de outras línguas neolatinas, como é o caso do espanhol. O estudo dialetológico de Andiön Herrero (2004), por exemplo, analisa a variação diatópica entre os tratamentos *vos*, *tú* e *usted*, apontando, ademais, a variação estilística no emprego dessas formas pronominais: *vos* e *tú* empregadas na expressão de proximidade e/ou intimidade entre os interlocutores; e *usted*, na expressão de distanciamento.

Em análise contrastiva dos dois idiomas acima mencionados, Oliveira (2009) afirma que, na língua portuguesa, a variação entre as formas de tratamento *tu* e *você* é bastante discutida nos estudos sociolinguísticos, uma vez que esse fenômeno parece ser motivado não apenas por fatores regionais – como se costuma afirmar –, como também por fatores sociais e estilísticos (cf. BABILÔNIA, 2012). Na língua espanhola, a variação entre *tú* e *vos* parece ser motivada por fatores regionais, sem excluir a motivação estilística nos diferentes contextos: no caso da escolha entre *tú/usted* ou *vos/usted*, o falante tende a se guiar pelo grau de formalidade e distanciamento.

Tendo em vista fatores que contrastam e aproximam o português e o espanhol, bem como a frequência de uso de nosso objeto de estudo nas diferentes situações comunicativas, trazemos à luz novas reflexões: sendo as formas de tratamento os marcadores mais manifestos na relação entre falantes – conforme Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 66) –, (i)



como a variação entre as formas *tu* e *você*¹ do português do Brasil é percebida por falantes estrangeiros e (ii) que valores essas formas expressam nas diferentes práticas comunicativas da língua-alvo?

Nessa perspectiva, considerando a relativa aproximação entre os paradigmas pronominais do português e do espanhol, tencionamos verificar as implicações da variação *tu/você* no uso do português como língua estrangeira, tendo em vista falantes hispânicos. Para tanto, selecionamos um grupo de hispano-falantes, residentes em Florianópolis e estudantes de diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho empírico da pesquisa se divide em dois momentos: (i) aplicação de teste de atitude relacionado ao objeto de estudo² e (ii) entrevista com os informantes a fim de ratificar as respostas assinaladas ou recuperar informações não percebidas no instrumento de pesquisa.

Este artigo aponta resultados de uma pesquisa ainda incipiente, apresentando a análise quantitativa dos resultados da primeira etapa, ou seja, do teste de atitude. Contudo, para que não nos limitemos à quantificação das respostas, sinalizamos algumas hipóteses frente ao que nos dizem o material disponível no momento, adiando respostas para etapa posterior da pesquisa, em que se prevê uma análise mais refinada dos dados a partir da entrevista com os informantes.

Antes da apresentação dos resultados obtidos até o momento, propomos um debate teórico organizado na seguinte ordem: (i) explanação sobre as diferentes dimensões relacionais propostas por Brown e Gilman (1960) e Kerbrat-Orecchioni (2006; 2011); (ii) tratamento sobre as formas de se dirigir ao interlocutor no português do Brasil (PB); e (iii) tratamento das formas de se dirigir ao interlocutor em variedades hispano-falantes, com ênfase nas variedades de nossos informantes.

1. Formas de tratamento e as relações interpessoais

Conforme dissemos, as formas de tratamento (FTs) têm sido estudadas em diversas línguas naturais, em virtude de seu “papel importante no funcionamento das interações,

¹ Ainda que nosso objeto de estudo seja a variação *tu/você*, admitimos a existência de outras formas de se dirigir ao interlocutor no português do Brasil: o senhor/a senhora, pronome zero e repetição do vocativo, por exemplo.

² O instrumento de pesquisa correspondente a essa primeira etapa encontra-se no anexo I deste artigo.



sobretudo porque constituem o primeiro recurso de que dispõem os locutores para marcar e construir a relação interpessoal (são poderosos ‘relacionemas’)” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p. 19). Ainda segundo a autora, elas atuam na marcação de relações sócio-afetivas e assevera que elas nunca são “relacionalmente neutras” (p. 25). Portanto, a escolha de uma FT não se limita a aspectos linguísticos, mas também se vincula a fatores sociais e contextuais: escolhas erradas ou inadequadas afetam o funcionamento da interação, e não necessariamente a compreensão dos interlocutores.

Para Kerbrat-Orecchioni (2011), as formas de tratamento se dividem em dois grupos, quais sejam, *pronominais* (FTPs) e *nominais* (FTNs), e ela classifica essas últimas como “*potenciais*, uma vez que é apenas no discurso, quando são realizadas [...], que elas se tornam realmente ‘formas de tratamento’” (p. 21). Nesse sentido, podemos sugerir que aquelas ocupam tal função por excelência e são mais bem projetadas nos pronomes de segunda pessoa do singular, haja vista existirem em todas as línguas, além de ser bastante comum que elas tenham mais de um desses pronomes em seu sistema.

Como constataram Brown e Gilman (1960), a existência de dois ou mais pronomes de segunda pessoa não significa que eles sejam intercambiáveis em todos os contextos, pelo contrário, cada forma costuma restringir-se a uma dimensão relacional. Conforme os autores, as dimensões são duas, a saber, *poder* e *solidariedade*, as quais se vinculam à oposição distanciamento e proximidade, respectivamente; dessa forma, refletem-se na língua os processos de estratificação social. Por fim, os autores sugerem a criação dos símbolos T/V, em que T (proveniente do *tu* latino) é o pronome da solidariedade e V (originário do *vos*) é o do poder. Atualmente, essa proposta ainda é válida, mas precisa ser relativizada porque: i) funciona apenas em sistemas binários e ii) as dimensões relacionais estão rigidamente estabelecidas, não sinalizando a possibilidade de um gradiente.

É observando o *continuum* das relações interpessoais que Kerbrat-Orecchioni (2006; 2011) propõe o estudo das FTs sob três dimensões: horizontal, vertical e consensual/conflitual. Os dois primeiros eixos estão integrados de tal modo que a alteração de um implica na do outro.

Conforme a autora, no eixo horizontal, “os dois interlocutores podem instaurar entre eles uma *distância* maior ou menor, e em primeiríssimo lugar, as formas de tratamento



(nominais e pronominais) contribuem para demarcar essa distância.” (2011, p. 25). Já o eixo vertical refere-se à constituição de uma relação igualitária ou hierárquica. Assim, a teórica francesa parece recuperar a oposição poder/solidariedade, mas acrescenta outros níveis como familiaridade, intimidade e autoridade, observando que nas interações há sempre uma “*margem de manobra* (cuja extensão varia conforme o tipo de relação estabelecida)” (2006, p. 64). Por fim, a dimensão consensual/conflitual, como se prefigura, está relacionada ao caráter problemático ou não da relação. Além disso, a depender do grau do conflito, eles podem ser resolvidos de maneira mais pacífica ou mais agressiva.

A título de ilustração, podemos imaginar uma situação em que uma pessoa, ao receber de seu colega de trabalho o tratamento *senhor*, permita-lhe o tratamento por *você*. Por outro lado, ao hospedar-se em um hotel e ser tratado por *você*, essa mesma pessoa passa a exigir o trato por *senhor*. Podemos entrever, assim, a imbricação dos três eixos: no primeiro caso, a tentativa de estabelecer uma relação igualitária, solidária e a resolução de um conflito; no segundo, também essa resolução de conflito, estabelecendo, entretanto, uma relação hierárquica, com marcação de distanciamento.

2. Formas de se dirigir ao interlocutor no português do Brasil

Os estudos sobre o paradigma pronominal do português brasileiro (PB) costumam partir da premissa de que, nesse território, a forma *você* é de uso geral e que o *tu* se tornou uma marca regional – quase sempre, sem definir o que seja isso – tanto do Rio Grande do Sul, quanto do Norte e Nordeste.

A esse respeito, faz-se necessário traçar duas observações: a primeira é de que essa proposição vai em direção oposta ao que postulam os instrumentos normativos da língua, como gramáticas e livros didáticos, nos quais o paradigma relacionado a *tu* não só existe, como também possui primazia sobre o relacionado a *você*.³ A segunda observação – sobre a qual discorreremos nesta e na quarta seções – é que, a depender da localidade, o *você* não é de uso predominante, mas o *tu*, como em Florianópolis (SC - Sul), cidade na qual nossos informantes residem e na qual a maior parte aprendeu o português como língua estrangeira

³ Sobre essa questão, seria interessante investigar posteriormente quais instrumentos foram utilizados pelos nossos informantes durante seu aprendizado e qual(is) paradigma(s) lhes foi/foram ensinados.



(P/LE). Em razão dos limites deste artigo, faremos análises a partir das cinco regiões brasileiras, focalizando as especificidades apenas em poucos casos, sobretudo das cidades em que nossos informantes aprenderam a língua portuguesa e em que eles residiram antes de Florianópolis, quais sejam: São Paulo (SP – Sudeste), Brasília (DF – Centro-Oeste), Porto Alegre (RS – Sul) e Foz do Iguaçu (PR – Sul).

A partir dos resultados de diversas pesquisas, Scherre *et al.* (2009 *apud* MARTINS, 2010) concluíram que no PB existem seis subsistemas da variação *tu/você* correlacionada à concordância verbal de *tu*. Além disso, desenvolveram um cartograma que permite a melhor visualização da proposta dos autores. Na sequência, nos restringimos aos subsistemas 1, 2, 4 e 6, porque contemplam as cidades nas quais nossos informantes aprenderam o P/LE.

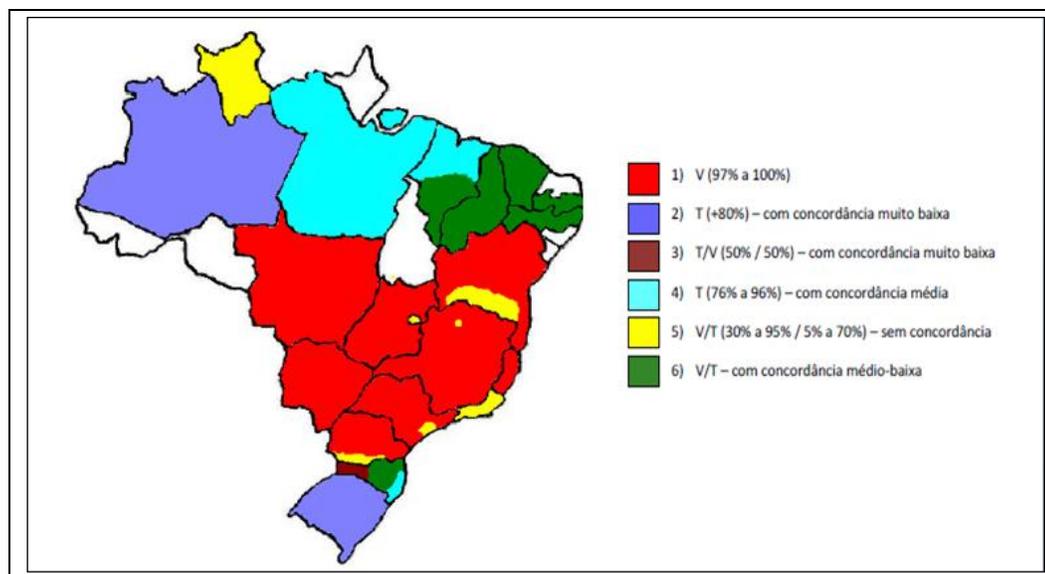


Figura 1 – Cartograma da variação *tu/você*

Fonte: Adaptado de Scherre *et al.* (2009 *apud* MARTINS, 2010).

Conforme a imagem, o subsistema 1 recobre praticamente todo o Sudeste e Centro-Oeste, além dos estados do Paraná (Sul) e Bahia (Nordeste). Nele se enquadram duas cidades nas quais nossos informantes residiram: São Paulo e Foz do Iguaçu. Nesses casos, não há o que problematizarmos, porque as pesquisas não costumam se desenvolver nessas



áreas de predominância do *você* (entre 97% e 100% das ocorrências de segunda pessoa do singular).⁴ No que se refere a Foz do Iguaçu, não localizamos pesquisas nas quais pudéssemos nos embasar cientificamente. Contudo, nativos da cidade, através de conversas informais, sinalizam que existe nessa cidade apenas a forma plena *você*; com a recorrência, porém, de formas relacionadas à forma *tu* (*te* e *teu*, por exemplo).

O subsistema 2, no qual se encaixam os estados do Amazonas (Norte) e Rio Grande do Sul (Sul), apresenta o predomínio de *tu* (acima de 80%) com concordância verbal muito baixa. Um estudo realizado por Loregian-Penkal (2004), com entrevistas do Projeto Varsul, corrobora esses resultados, constatando em Porto Alegre a preferência pelo uso de *tu*, com percentual de 93% e peso relativo de 0.61. Por outro lado, é questionável a mesma afirmação para o Amazonas, pois na cidade de Tefé, quando em situações que favorecem a intimidade, homens e mulheres apresentam o mesmo percentual (81% para *tu* e 19% para *você*); entretanto, quando em contexto oposto, elas usaram a forma *tu* em 58,7% dos casos, enquanto eles em apenas 34,8% (cf. MARTINS, 2010).

O subsistema 4 compreende o estado do Pará, o norte do Maranhão e o litoral de Santa Catarina. Nele, o pronome *tu* é registrado entre 76% e 96% das ocorrências, com concordância média. Assim como Loregian-Penkal, Rocha (2012) analisou os dados do Projeto Varsul, desta vez referente à Florianópolis, considerando, além de *tu* e *você*, a forma (*o*) *senhor*. A autora verificou que o percentual geral de *tu* foi de 76%, mas que, em virtude da formação sócio-histórica da cidade, os percentuais são variáveis em relação às zonas geográficas. Enquanto na Costa da Lagoa – área mais cosmopolita – os índices foram de 63,4% para *tu* e 28,8% para *você*, em Santo Antônio de Lisboa e Rationes – áreas que concentram mais maciçamente os descendentes de açorianos – os índices para *tu* superaram 97%. A autora também observou que o tipo de relação entre os interlocutores é um fator decisivo na seleção da forma de tratamento em Florianópolis.

Por fim, o subsistema 5 está espalhado em todas as regiões, mas sem apresentar alastramento. Neste texto, interessa-nos discorrer sobre a cidade de Brasília, considerando termos uma informante que aprendeu português nessa capital. Um estudo realizado por

⁴ A partir de dados do projeto NURC, por exemplo, constata-se a ausência do pronome *tu* na capital paulista, conforme Menon (2000, p. 134).



Scherre *et al.* (2011) compara os resultados de quatro dissertações de mestrado sobre a variação nessa cidade, e concluíram que o uso de *você* varia entre 30% e 95%, sem apresentar concordância. As autoras também afirmam que seu uso está condicionado pelos contextos mais formais, além de ser mais recorrente na faixa etária dos 30 a 50 anos. Contudo, a forma *tu* tem se espalhado para domínios sociais e discursivos mais amplos, sendo usado, sobretudo, em situações mais informais e por crianças e adolescentes.

Nesta seção, pretendíamos mostrar uma parte do complexo paradigma da variação *tu/você* no português brasileiro (PB), evidenciando o quão problemático pode ser para um estrangeiro (ou mesmo para um brasileiro) transitar nessa diversidade, haja vista, conforme sustentamos, cada forma possuir valores sociais e ideológicos, e não se comportar do mesmo modo em todas as variedades.

3 Formas de se dirigir ao interlocutor em variedades hispano-falantes

Em trabalho anterior, Oliveira (2009) resenha alguns estudos dialetológicos que versam sobre a variação no paradigma pronominal da língua castelhana. Nesta seção, recuperamos parcialmente essa discussão, de modo a enfatizar apenas as formas de se dirigir ao interlocutor nos contextos a que pertencem nossos informantes hispânicos. Desse modo, sintetizamos o paradigma de segunda pessoa do discurso das seguintes variedades hispano-falantes: argentina, chilena, colombiana, espanhola, peruana e uruguaia.

Como panorama geral, o atual sistema pronominal castelhano apresenta dois tratamentos informais de segunda pessoa singular: *tú* (usado em regiões *tuteantes*) e *vos* (usado em regiões *voseantes*). Andión Herrero (2004) apresenta as áreas *tuteantes* e *voseantes* das cinco grandes regiões dialetais do espanhol americano, a saber: Região do México e América Central, Região do Caribe, Região Andina, Região do Chile e Região do Rio da Prata. Lembrando que nossa amostra contempla falantes das regiões do Rio da Prata, do Chile e dos Andes – no contexto americano –, e Peninsular – no contexto europeu. É relevante neste artigo enfatizar essas quatro regiões, remetendo ao trabalho de Oliveira (2009) o leitor interessado nas demais regiões.

O estudo de Andión Herrero (2004) aponta a generalização do *voseo* na região Andina, a qual contempla os países: Equador, Colômbia, Peru e Bolívia. Ainda que não seja



uma forma prestigiada, “*la usan los estratos sociales altos en el habla informal, en las ciudades y en el campo, con excepción de Lima – centro del poder virreinal – que desterró el uso del vos por los aires que le llegaban de la metrópoli.*” (ANDIÓN HERRERO, 2004, p. 26). Em consonância a essa tese, a Real Academia Espanhola (RAE) afirma que, embora o Peru seja majoritariamente *tuteante*, ao norte e ao sul desse mesmo país, bem como na Bolívia, no Equador e em grande parte da Colômbia *tú* e *vos* se alternam: esta é a forma popular e rural; aquela, a forma de prestígio.

Na região do Chile, constituída apenas por esse país, observa-se mais claramente a influência de fatores sociais na escolha por *tu* ou *vos*. Segundo Cotton; Sharp (s/d *apud* ANDIÓN HERRERO, 2004, p. 37), o emprego do *tú* restringe-se às classes médias e altas, e o *vos*, aos obreiros e camponeses. Para a RAE, a variação *tú/vos*, nesse território, é determinada por fatores estilísticos: o *tuteo* indica formalidade intermediária⁵, e o *voseo*, tratamento familiar.

A respeito da variação de uso das formas de se dirigir ao interlocutor na língua castelhana, a Região do Rio da Prata (Paraguai, Argentina e Uruguai) costuma ocupar lugar de destaque, pois, nesse contexto, a presença da forma *vos* é altamente recorrente e prestigiada – com exceção do Paraguai, cf. Andión Herrero (2004, p. 42). Para a autora, o elevado prestígio que conta o *voseo* nessa região é o ponto diferenciador do espanhol *rioplatense* em relação às demais variedades hispano-americanas. Discussão parcialmente relacionada à da autora é apresentada pela Real Academia Espanhola. Esta última admite que o *voseo* é generalizado em toda a Região Riopratense: “*En la Argentina, el Paraguay y el Uruguay las formas de voseo son aceptadas sin reserva por todas las clases sociales.*” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2005)

Considerando o fato de termos em nossa amostra um falante espanhol, interessa-nos resumir a discussão sobre formas de tratamento de segunda pessoa do discurso também na variedade peninsular. Conforme estudo de Andión Herrero (2004), nesse território, predomina o uso da forma *tú* para se referir à segunda pessoa singular (informal). Cabe destacar que, segundo a autora, o *usted* aparece em todas as regiões hispano-falantes como

⁵ A forma *usted* aparece em situações de maior formalidade.



forma de se referir à segunda pessoa singular em situações de formalidade. Conforme a RAE, a Espanha é plenamente *tuteante*.

A inclusão desta seção se justifica pelo fato de presumirmos a interferência da gramática interna do falante em relação ao uso da língua-alvo. Melhor explicitando, conjecturamos que, sendo o espanhol – língua materna de nossos informantes – relativamente próximo ao português – língua-alvo destes –, é possível a influência de uma gramática sobre a outra. No caso de nosso objeto de estudo, é plausível que, na dúvida sobre os valores sociais e estilísticos das formas *tu* e *você* no português do Brasil, o falante estrangeiro siga as convenções de sua língua materna. Uma maneira de confirmar essa hipótese será a constatação da preferência pela forma *tu* em relações de maior intimidade, e pela forma *você* nas relações de maior distanciamento, pois, conforme discussão anterior, em todas as variedades hispano-falantes que nos interessa neste trabalho as formas *tú*, *vos* e *usted* se opõem, basicamente, pelo valor de formalidade desta última, e de intimidade das duas primeiras.

4. Análise dos resultados

Antes que passemos aos resultados, vale recuperarmos algumas informações relevantes a respeito da amostra. Como mencionado, interessa-nos verificar a percepção e o uso das formas *tu* e *você* no português falado por hispano-falantes. Assim, organizamos uma amostra composta por 24 estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis SC/Brasil), todos nativos de países hispânicos. No primeiro momento da pesquisa, os informantes respondiam um teste de atitude, contendo doze questões: quatro referentes aos pronomes de segunda pessoa, oito distratoras.⁶

No que concerne às questões sobre os pronomes de segunda pessoa – nosso objeto de estudo –, procuramos distribuir os diferentes níveis de formalidade em quatro díades, a saber: relação de subordinado para chefe; de aluno para professor; de colega de trabalho e, por fim, de amigo íntimo. Nesta primeira etapa, os informantes deveriam apenas assinalar a forma de tratamento preferida em situações como: “Na interação oral com um professor

⁶ Conforme o teste apresentado no anexo ao final deste artigo, são de nosso interesse apenas as questões experimentais C, E, H e K. As demais são meras questões distratoras, de modo a não deixar evidente ao informante o objeto de nossa pesquisa.



universitário, qual seria o tratamento escolhido?” Destacando que as únicas opções eram as formas *tu* e *você*.

Sinalizamos na introdução deste artigo que a pesquisa encontra-se em estágio incipiente, uma vez que está ainda em andamento a entrevista com os informantes a fim de se verificar, com maior detalhes, sua percepção frente à variação *tu/você* no português brasileiro. Desse modo, os resultados que apresentamos adiante se referem à análise quantitativa das respostas ao teste de atitude.

Conforme sinaliza a tabela 1 abaixo, nossa hipótese inicial a respeito da interferência da gramática interna do hispano-falante no uso das formas de tratamento da língua estrangeira – nesse caso, o português – não se confirma totalmente. Como verificado na síntese da seção anterior, nas variedades castelhanas de nossos informantes, emprega-se a forma *usted* em situações de distanciamento, e as formas *tú* ou *vos* em situações de proximidade entre os interlocutores. Nossa hipótese se confirmaria caso houvesse (i) alta frequência da forma *você* nas relações assimétricas – subordinado/chefe e aluno/professor universitário, e (ii) preferência majoritária da forma *tu* nas relações de menor ou nenhuma assimetria – entre colegas de trabalho e amigos íntimos, respectivamente. Não é o que verificamos, em absoluto, na tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de uso dos tratamentos *você* e *tu* no português falado por hispano-falantes

Formas de tratamento	Díades				Total
	Tratamento de subordinado para chefe	Tratamento de aluno para professor	Tratamento para colega de trabalho	Tratamento para amigo íntimo	
Você	23 (95,8%)	23 (95,8%)	19 (79,2%)	14 (58,3%)	79 (82,3%)
Tu	1 (4,2%)	1 (4,2%)	5 (20,8%)	10 (41,7%)	17 (17,7%)
Total	24	24	24	24	96

Nossos resultados parciais apontam a preferência pela forma *você* nas diversas dimensões relacionais do português como língua estrangeira, por parte de falantes do espanhol. Observa-se relativa diferença no percentual de frequência da forma *você* comparado à forma *tu*: 82,3% e 17,7%, respectivamente. Analisando os resultados concernentes às díades, o uso do tratamento *você* é praticamente categórico nas relações de



maior distanciamento, já que, nas duas primeiras díades apresentadas, esse tratamento aparece com um percentual de 95,8% de frequência. A respeito das relações de menor assimetria, a tabela aponta um declínio na escolha pela forma *você*; por consequência, um aumento da forma *tu*. Na comunicação com colegas de trabalho, nossos informantes ainda têm preferência pela forma *você* (79,2%); no entanto amplia-se o número de informantes que elegem a forma *tu* nesse caso (de 4,2% para 20,8%). Na comunicação com amigos íntimos, a escolha pelo tratamento *você* se reduz ainda mais (58,3%), expandindo a preferência pela forma *tu* (41,7%).

Pode-se conjecturar, a partir desses resultados, que a divisão bipartida entre relações de poder e solidariedade de Brown e Gilman (1960) não seja suficiente, sendo necessário prever um gradiente de (in)formalidade nas diferentes situações relacionais – em direção a Kerbrat-Orecchioni (2006). É possível que o falante considere no topo da escala de formalidade as relações entre subordinado/chefe e estudante/professor universitário, e, na parte mais inferior, a relação entre amigos íntimos; aparecendo a relação entre colegas de trabalho como intermediária na escala de menor a maior formalidade entre interlocutores. Essa observação parece explicar o aumento na escolha do tratamento *tu* ilustrado na penúltima linha da tabela.

Os resultados até o momento sinalizam que apenas parte dos hispano-falantes contemplados na amostra não concebe as formas *tu* e *você* como variantes de uma mesma variável, já que elege tratamentos distintos a depender da situação relacional: em relações de maior distanciamento entre os interlocutores, tende ao emprego da forma *você*, e nas de maior proximidade, da forma *tu*. Essa constatação vai ao encontro de abordagens que vislumbram as formas de tratamento como atuantes na marcação de relações sócio-afetivas, como Kerbrat-Orecchioni (2006). Por outro lado, nossos resultados sugerem que a diferença estilística bem definida no espanhol em relação às formas *tu/vos* e *usted* não é da mesma maneira percebida por boa parcela dos informantes no que concerne ao uso das formas de tratamento do português. Embora tenhamos constatado o aumento de frequência da forma *tu* em relações de menor assimetria, a forma *você* é relativamente mais frequente em todas as relações interpessoais.



Esta última constatação nos motiva a refinar os dados, na tentativa de compreendermos os fatores condicionantes na escolha por um tratamento ou outro no uso do P/LE. Nesse sentido, fatores que julgamos ser relevantes e que seguem em análise na pesquisa são: (i) região do Brasil onde os informantes aprenderam o português; (ii) forma de aprendizagem/aquisição do P/LE (em situações formais de ensino, ou no uso, por exemplo); (iii) no caso de aprendizagem em contexto formal de ensino, modo como o tema da variação nas formas de tratamento foi abordado; (iv) maneira como o livro didático com o qual os informantes tiveram contato (ser for o caso) tratam as diferentes formas de se dirigir ao interlocutor no português do Brasil.

Apenas para que não limitemos este trabalho à análise quantitativa, apresentamos os resultados de parte da amostra, destacando o teste de atitude de 19 dos 24 informantes de diferentes regiões hispano-falantes, selecionando apenas aqueles que aprenderam a variedade florianopolitana do português. Esta parte da amostra – que compreende cinco informantes da Argentina, dois do Uruguai, oito da Colômbia, um da Espanha, um do Peru, um do Chile e um do Paraguai – aponta certa discrepância no uso de *tu/você* por hispano-falantes, em relação ao uso desses tratamentos por parte de falantes nativos da região.

Estudos sociolinguísticos apontam predomínio do tratamento *tu* no vernáculo dos nativos da capital de Santa Catarina – Florianópolis. Como citado anteriormente, Rocha (2012), por exemplo, constata uma frequência de uso de 76% da forma *tu* em relação a outras formas de se dirigir ao interlocutor. A tabela 2 a seguir ilustra a distribuição dos resultados, considerando agora apenas os 19 hispano-falantes que, por hipótese, refletiriam no uso do P/LE a variedade de Florianópolis – localidade onde aprenderam este idioma.

Tabela 2 – Frequência de uso dos tratamentos *você* e *tu* no português falado por hispano-falantes que aprenderam português em Florianópolis (SC – Brasil)

Formas de tratamento	Díades				Total
	Tratamento de subordinado para chefe	Tratamento de aluno para professor	Tratamento para colega de trabalho	Tratamento para amigo íntimo	
Você	19 (100%)	19 (100%)	17 (89,5%)	11 (57,9%)	66 (86,8%)
Tu	0	0	2 (10,5%)	8 (42,1%)	10 (13,2%)
Total	19	19	19	19	76



Como observamos, há percentual elevado da forma *você* em detrimento da forma *tu* nos dados desses informantes, ou seja, similar aos resultados gerais apresentados na tabela 1, *você* é tratamento predominante em todas as díades. Outro resultado que também vai em direção aos apresentados na tabela 1 é a discreta sinalização de uma diferença estilística entre *tu* e *você*, haja vista o aumento na frequência do tratamento *tu* nas díades de menor ou nenhuma formalidade. De certa maneira, este resultado sugere uma relação entre a escolha dos falantes estrangeiros e dos falantes nativos, considerando discussões de estudos sociolinguísticos a respeito da preferência pela forma *tu* ou *você* envolver, também, diferentes graus de formalidade (DAVET, 2013; ROCHA, 2012 e RAMOS, 1989, por exemplo).

Algumas considerações

Os resultados apresentados neste trabalho nos oferecem respostas parciais sobre hipóteses aventadas no início da pesquisa. Mais do que isso, nos conduz a desdobramentos futuros, analisando qualitativamente outros fatores relacionados à variação *tu/você* no uso do português por hispano-falantes.

Dentre os fatores que mencionamos na seção anterior, destacamos nosso interesse em averiguar aqueles concernentes ao ensino-aprendizagem do P/LE, como: (i) maneira com que as diferentes formas de se dirigir ao interlocutor no PB é abordada, considerando contextos formais de aprendizagem, e (ii) maneira como livros didáticos de P/LE abordam o tema em questão. Junto a essas reflexões, pretendemos ampliar a discussão referente ao restante da amostra, que compreende hispano-falantes que aprenderam português em outras cidades brasileiras, a saber: Brasília, Foz do Iguaçu, Porto Alegre e São Paulo.

Referências

ANDIÓN HERRERO, María A. *Variedades del español de América: una lengua y diecinueve países*. Brasília: Embajada de España – Consejería de Educación, 2004.

BABILÔNIA, Leandro. *Os usos de tu e você na fala culta manauara: uma abordagem sociointeracionista*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Escola Normal Superior, UEA, Manaus, 2012.



BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.) *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960, p. 253-276.

DAVET, Julie C. T. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Modelos de variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em francês. In: COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Célia. *As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 19-44.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. 2004. 260 fls. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – UFPR, Curitiba, 2004.

MARTINS, Germano F. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas*. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, UnB, Brasília, 2010.

MENON, Odete P. da S. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de hoje*. V. 35, n. 1. Porto Alegre, 2000. p. 121-163.

MENON, Odete P. da S.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 147-182.

OLIVEIRA, Leandra C. de. A evolução e o uso dos pronomes de tratamento de segunda pessoa singular no português e no espanhol. *Letra Magna*, 2009, p. 1-19.

RAMOS, Myriam P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario panhispánico de dudas*. Primera Edición, octubre de 2005. Disponível em: <http://buscon.rae.es/dpdI/SrvltGUIBusDPD?lema=voseo>. Acesso em março de 2013.

ROCHA, Patrícia G. *O sistema de tratamento do português em Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.



Anexo – Teste de atitude

Dados pessoais

Nome/email:

Nacionalidade:

Há quanto tempo mora no Brasil (e em Florianópolis):

Cidades brasileiras em que morou:

Cidade brasileira onde adquiriu/aprendeu português:

Sexo e idade:

1) Assinalar a forma mais empregada em cada situação descrita, considerando SEU PRÓPRIO USO do português como língua estrangeira

a) Para se referir a uma situação de estaticidade, qual seria o verbo escolhido:

() FICAR () PERMANECER

b) Para se referir a um profissional que se dedica a analisar textos escritos, qual seria o termo utilizado:

() CORRETOR () REVISOR

c) Na interação oral com um professor universitário, qual seria o tratamento escolhido:

() TU () VOCÊ

d) Qual seria a forma utilizada em orações com ‘ verbo IR + cinema’:

() NO () AO

e) Na interação com um amigo íntimo, qual seria o tratamento escolhido:

() TU () VOCÊ

f) Para indicar uma situação de continuidade, qual seria o verbo escolhido:

() SEGUIR () CONTINUAR

g) Para indicar uma relação de existência, qual seria o verbo escolhido:

() TER () HAVER

h) Na interação com chefe de trabalho, qual seria o tratamento escolhido:

() TU () VOCÊ

i) Para se referir à noção de posse em relação a uma terceira pessoa do sexo masculino, qual seria o pronome escolhido:

() SEU () DELE

j) Para se referir ao profissional que cuida da segurança dos banhistas no mar ou na piscina, qual seria o termo utilizado:

() SALVA-VIDAS () GUARDA-VIDAS

k) Na interação com um colega de trabalho, qual seria o tratamento escolhido:

() TU () VOCÊ